

UM BREVE PERCURSO SOBRE A HISTÓRIA DA LINGÜÍSTICA E SUAS INFLUÊNCIAS NA SOCIOLINGÜÍSTICA

Marina da Silva Cabral¹

RESUMO:

Pretende-se, no presente artigo, traçar um breve caminho sobre a história da linguística, desde seus primórdios até os dias de hoje. Durante os séculos, a linguística tem se revelado uma área fértil, com diversas teorias e seus respectivos objetos de estudo, que, conseqüentemente, também são distintos, na medida em que as teorias divergem. Tendo em vista essa diversidade teórica, o enfoque do artigo tratará de um tema específico: a mudança linguística. O intuito é explicar como a língua muda através do tempo e, a partir disso, discorrer sobre em que medida as teorias que serão exploradas – principalmente o estruturalismo e o gerativismo – influenciaram no que se chama hoje *sociolinguística*. Para abordar esse último aspecto, uma referência em especial será utilizada: um artigo de Maria Clara Paixão de Sousa, intitulado *Lingüística Histórica*, no qual a autora atenta principalmente para a questão da língua no tempo.

Palavras chaves: Linguística, História, Tempo, Mudança.

ABSTRACT:

In this paper, I intend to present in a brief way the history of Linguistics, since its beginning until nowadays. Throughout the centuries, Linguistics has proven to be a very productive area that encompasses many theories and their objects of study – which differ from each other since theories diverge among themselves. Considering this diversity, my focus is to approach a specific theme: language change. My main goal is to explain how languages change over time and in which way the theories here alluded to – Structuralism and Generativism, mainly – have influenced what we call today *Sociolinguistics*. To do so, a paper entitled *Lingüística Histórica*, written by Maria Clara Paixão de Sousa, in which she discusses language in time, will be referred.

Keywords: Linguistics; History; Time; Change.

1 Introdução

O desenvolvimento do presente artigo centra-se em algumas questões que cercam a linguística, como: Quando começou realmente a linguística? Quais teorias e seus respectivos objetos encontram-se em concorrência na linguística? E a partir do desenvolvimento de respostas para essas perguntas, o artigo será encaminhado para outras questões, como: De que forma teorias anteriores influenciaram o que se chama hoje *sociolinguística*? A língua muda através do tempo? Como? Por quê? O intuito é responder a esses questionamentos de modo a chegar no principal objetivo, que é

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Acadêmica do curso de Letras – Português da Universidade Federal de Santa Catarina. {marina.scabral@hotmail.com}

perceber a forma com que uma teoria, ao desenvolver-se, apropriou-se do que era importante em outras teorias para então chegar à sociolinguística, cujo objeto de estudo é a gramática da comunidade de fala.

Ao responder às primeiras questões, o que aparecerá no debate serão as concepções iniciais de linguagem, postuladas pelos filósofos anteriores ao século XIX, como Platão e Aristóteles, quando a “linguística” (entre aspas, pois o que existia eram estudos sobre a linguagem e não uma linguística – ciência da linguagem – propriamente dita) era dividida entre as opções *nocional* e *filológica*, desenvolvidas com maior profundidade mais à frente. Depois do século XIX, entra em debate o tópico sobre fazer da linguística uma ciência e o que aparece é a opção histórica, com a linguística histórico-comparativa. Para aprofundar esses assuntos serão abordados autores que discorrem sobre o tema: Borges Neto (2004) e Faraco (2011). A partir desse breve histórico, o artigo segue o caminho das teorias e seus objetos que estão em concorrência na linguística, passando pelo estruturalismo, com Saussure, pelo gerativismo, com Chomsky, e, finalmente, pela sociolinguística, com Labov, de onde se encaminhará o estudo para a questão da mudança linguística através do tempo.

Serão feitos alguns recortes propositais nas teorias estruturalista e gerativista para que se possa entender de que forma essas teorias influenciaram a sociolinguística, levando em consideração alguns pontos, como o tipo de objeto de cada teoria, onde cada uma coloca a diacronia e a sincronia da língua etc. Para essa discussão também serão referidos Borges Neto (2004) e a forma como ele concebe a ideia de “filiações da linguística” (BORGES NETO, 2004, p. 60-61). Finalmente, para concluir o artigo, entrarão em debate os princípios da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]), com o intuito de reforçar a noção de como ocorre a mudança da língua através do tempo.

2 As opções nocional e filológica, os estudos comparativos, e as influências na sociolinguística

É sabido que os primeiros estudos sobre a linguagem humana são anteriores ao século XIX (século de que data o início da linguística). Segundo Borges Neto (2004), antes do século XIX, a linguística dividia-se entre as opções *nocional* e *filológica*: a opção nocional, cujos principais representantes eram Platão e Aristóteles, referia-se ao

estudo da linguagem a partir da relação entre som e sentido, ignorando qualquer tipo de variação linguística; já a opção filológica, representada principalmente pelos gramáticos alexandrinos, não ignorava a variação linguística, mas a colocava como desvio, configurando-se, desse modo, possivelmente, como a primeira perspectiva normativa/prescritiva na história dos estudos da linguagem. Segundo Borges Neto (2004), esse caráter normativo-prescritivo da opção filológica é que faz surgirem os estudos do correto/incorrecto. Borges Neto (2004) atenta, também, para o importante fato de que a escolha por uma opção não exclui totalmente a outra:

É preciso ficar claro, no entanto, que essas duas opções não são, num certo sentido, mutuamente exclusivas. Não se pode negar que os trabalhos que adotam a perspectiva nocional também envolvam aspectos normativos, nem se pode negar que os trabalhos normativo-prescritivos contêm, simultaneamente, a descrição de um grande número de fatos linguísticos. Em outras palavras, há uma série de “intersecções” entre as duas opções.” (BORGES NETO, 2004, p. 46).

Borges Neto (2004), após dissertar sobre essas opções anteriores ao século XIX, continua a discorrer sobre a evolução da linguística, apontando agora para uma opção histórica, que surgiu no século XIX com o intuito de fazer da linguística uma ciência – é nesse contexto que surge a linguística histórico-comparativa. Para se entender melhor esse início da linguística como ciência, Faraco desenvolve o seguinte argumento:

A linguística se constituiu como ciência, no sentido que a modernidade deu ao termo, a partir dos últimos anos do século XVIII, quando William Jones, o juiz inglês que exercia seu ofício na burocracia colonial em Calcutá, entrou em contato com o sânscrito. Impressionado com as semelhanças entre essa língua, o grego e o latim, levantou a hipótese de que semelhanças de tal magnitude não poderiam ser atribuídas ao acaso; era forçoso reconhecer que essas três línguas tinham uma origem comum. (FARACO, 2011, p. 29)

Existe uma ampla discussão sobre a possibilidade de a linguística ser chamada de ciência² e até mesmo sobre o que seria ciência, mas como esse não é o foco do artigo, considera-se aqui, como em Borges Neto (2004), que a linguística constituiu-se como ciência a partir dos histórico-comparatistas: “Essa opção é típica do século XIX e seus principais representantes são comparativistas – como Bopp, Schleicher, Grimm, Schlegel – e os neogramáticos – como Osthoff, Brüggemann, Delbrück e Hermann Paul.”

² Edward Sapir, em *Linguística como ciência* (1969), traça um precioso debate sobre a questão da linguística como estudo científico.

(BORGES NETO, 2004, p. 51). Pode-se dizer que a linguística histórico-comparativa abriu o caminho para a ideia de mudança linguística, de modo que, a partir das investigações e comparações entre diversas línguas, chegava-se a uma “língua-mãe”, de onde originavam-se as outras. Borges Neto (2004, p. 51), tratando a concepção histórico-comparativa como a opção histórica, observa:

A opção histórica, como seu nome indica, concentra sua atenção no caráter histórico dos fenômenos linguísticos. Nessa perspectiva, a questão da variação linguística, no tempo e no espaço, passa a ser o objeto de estudos. Isso significa, entre outras coisas, que se abandona a idéia de que a tarefa da linguística é identificar uma *essência* da língua, mas se reconhece que as línguas, como todo fenômeno humano e social, *mudam* historicamente e que, portanto, a tarefa de quem quer que seja no estudo *objetivo* da linguagem é *descrever mudanças e descobrir as leis subjacentes a elas*. (Grifos do autor).

Ou seja, as noções não só de que as línguas mudam através do tempo, mas também de que elas mudam de forma sistemática, já estão presentes no século XIX, antes do estruturalismo e do gerativismo, que serão abordados adiante. Aqui provavelmente está disposto um prenúncio da sociolinguística, que postula como um de seus corolários que a língua é um *sistema inerentemente heterogêneo e ordenado*, assim como o faz a linguística histórico-comparativa, que depois da investigação principalmente do sânscrito e do latim, “incorporou ao pensamento, de modo sistemático, o princípio de que as línguas mudam no tempo.” (FARACO, 2011, p. 30).

3 A pluralidade teórica da linguística

Dentro da linguística existe grande pluralidade teórica³, e isso é importante na medida em que dá ao pesquisador a liberdade de escolher seu objeto teórico – e favorece, também, o desenvolvimento da área, pois somente uma teoria não dá conta de trabalhar com todos os fenômenos linguísticos. É de suma importância que cada vez mais teorias façam parte da linguística, para que cada recorte feito possa ser aprofundado, abdicando do todo, mas detendo-se com atenção especial a sua teoria e seu respectivo objeto, deixando o que “não foi possível incluir” para outra teoria abarcar com seu objeto teórico competente. Borges Neto (2004, p. 68) explica que “[a] linguagem é um objeto de tal complexidade que todas as possibilidades de abordagem serão sempre parciais”. Ou seja, quando se opta por uma abordagem, inevitavelmente algo ficará de fora, como apontado acima, e assim é também com o objeto teórico: não

³ Borges Neto (2004) disserta sobre o assunto em *O pluralismo teórico na lingüística*.

há objeto que se esgote em um único olhar, o que proporciona o pluralismo teórico. Essa noção é importante para o debate a seguir, sobre três teorias distintas:

Uma olhada rápida no conjunto das teorias atualmente em concorrência nos permite identificar uma dicotomia que opõe, de um lado, os linguistas que, como Saussure e Chomsky, “homogeneizam” o objeto de estudos e “autonomizam” a linguística e, de outro, os linguistas que trabalham com objetos heterogêneos e “interdisciplinaram” a linguística. Labov é um exemplo de linguista desse segundo grupo. (BORGES NETO, 2004, p. 59)

Ressaltar a importância dos recortes dentro da grande área da linguística para um possível aprofundamento requer cuidado, uma vez que fazer um recorte para pesquisar e/ou desenvolver uma teoria pode levar à consequência de não haver interação com outras teorias. A proposta aqui é justamente o contrário: conhecer o máximo possível das teorias existentes na linguística e beneficiar-se delas para aprimorar o próprio recorte. É sabido que a dicotomia citada acima por Borges Neto (2004) existe, como é sabido também que tanto Saussure, como Chomsky e Labov, por dominarem os estudos já existentes da área, optaram por determinado objeto em detrimento de outros – por razões diversas que serão exploradas a seguir.

4 A concorrência de teorias e seus respectivos objetos na linguística

O intuito agora é descrever brevemente os princípios mais importantes das teorias de Saussure, Chomsky e Labov, para se entenderem melhor os recortes feitos pelo estruturalismo e pelo gerativismo que influenciaram a sociolinguística.

Como citado acima, o objeto de estudo de Saussure é homogêneo e autônomo, trata-se da *langue* (língua), um sistema abstrato, em detrimento da *parole* (fala)⁴. Embora não trabalhe com a fala, Saussure não ignora a sua existência, mas a situa na diacronia, a qual abarca a heterogeneidade e a mudança linguística – sendo assim, seu objeto, a língua, situa-se na sincronia. Além dessas considerações gerais sobre o estudo de Saussure, um recorte importante na sua teoria para o presente artigo é a metáfora do jogo de xadrez:

A metáfora do jogo de xadrez pode ser interpretada da seguinte forma: em uma partida de xadrez (isto é, no estudo da linguagem), há dois pontos de

⁴ Na concepção saussureana, existe uma distinção entre *langue* e *parole*: enquanto a língua (*langue*) é, nessa teoria, essencial, a fala (*parole*) é secundária. A língua estaria situada no campo social, sendo, assim, exterior ao indivíduo; a fala, ao contrário, situaria-se na esfera individual e seria irredutível a sistematização.

observação e interesse possíveis: a perspectiva sincrônica, que se interessa por cada etapa do jogo (isto é, cada sistema linguístico estático) isoladamente; ou a perspectiva diacrônica, que se interessa pelo processo que leva de uma etapa para a outra ao longo do tempo do jogo (isto é, a dinâmica das transições entre cada sistema linguístico). (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 20)

Saussure fica então, como já dito, com a sincronia, que é cada momento do jogo, como se fosse uma imagem congelada, e a partir dessa imagem é que se analisa a língua. Neste ponto é preciso repetir um pouco para fazer-se entender: a sincronia, no recorte de Saussure, pertence à língua (*langue*), e o que fica de fora, a diacronia, pertence à fala (*parole*), que é o momento da transição, o que abarca a heterogeneidade (o que será estudado pela sociolinguística, assim como também a sincronia). O que está no meio, entre uma imagem e outra do jogo de xadrez (da sincronia), é a transição, a mudança, os períodos de concorrência, ou seja, a diacronia. A mudança ocorre de um estado para o outro e coube à sociolinguística estudar tanto os períodos sincrônicos como os períodos diacrônicos. Em toda mudança, seja ela completada ou inacabada, em algum momento tem de haver a concorrência entre uma forma e outra. O movimento da peça, no jogo de xadrez, seria esse momento de concorrência, de mudança linguística, que no recorte de Saussure não é possível ver, pois a imagem está congelada, estática.

Chomsky continua com o eixo da teoria de Saussure: um objeto de estudo homogêneo, a competência em detrimento do desempenho⁵. Embora a homogeneidade do objeto de Chomsky perca um pouco o sentido quando ele coloca a sintaxe como núcleo, deixando a semântica e a fonologia como áreas periféricas, ele continua excluindo, assim como Saussure, tudo o que se refere à heterogeneidade:

No recorte chomskiano – que construirá, na segunda metade dos 1900, um objeto-língua como entidade biológica – a diacronia irá pertencer à língua, não à gramática – pois neste quadro é a língua (aí, um objeto cultural, humano, imponderável) que pode abarcar a heterogeneidade, instabilidade, impermanência, mudança. As duas abordagens [de Saussure e Chomsky] são radicalmente distintas em certos aspectos; mas têm em comum a característica da abstração do plano sócio-histórico. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 23)

Paixão de Sousa (2006, p. 23) contrasta as teorias de Saussure e Chomsky com a sócio-variacionista:

⁵ No gerativismo, o termo “competência” diz respeito à capacidade inata do falante de compreender a sua língua no que concerne à gramática, já o “desempenho” é o uso efetivo da língua pelos falantes.

Em contraste, o sócio-variacionismo construirá um objeto-língua substantivamente heterogêneo, ao invés de procurar resolver a heterogeneidade no plano do não-estruturado. Dessa forma, ao contrário do que se dá no quadro estruturalista e no quadro gerativista, no recorte sócio-variacionista a heterogeneidade da língua (nos planos geográfico, social, e temporal) está situada no objeto teórico de interesse central.

Sendo assim, o objeto de Labov é a gramática da comunidade de fala, inevitavelmente um objeto heterogêneo, mas estruturado – questões que serão tratadas mais à frente. Diante das três teorias e seus objetos apresentados, Borges Neto (2004, p. 60-61) aponta para as “*filiações da Linguística*”:

- a) uma tendência “sistêmica”, que busca ver na linguagem um “sistema” autônomo, sem relações com os falantes ou com o meio social;
- b) uma tendência “psicologizante”, que destaca as relações da linguagem com os falantes; e
- c) uma tendência “sociologizante”, que privilegia as relações entre a linguagem e o seu nicho social.

Atestando as teorias abordadas acima, a tendência “sistêmica” à qual Borges Neto (2004) se refere é a teoria estruturalista de Saussure, já a tendência “psicologizante” é a teoria gerativista de Chomsky e, por fim, a tendência “sociologizante” é a teoria sócio-variacionista de Labov.

5 Os princípios gerais da teoria da variação e mudança

A sociolinguística, herdeira de vários pontos de teorias precedentes a ela, a partir de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), tendo como base o empirismo da língua, isto é, o seu uso real, postulou alguns de seus princípios. São eles: a língua é um sistema heterogêneo e ordenado, sendo assim, é estruturado por regras; a competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua, pois o falante tem a competência de aquisição e de uso, sabendo escolher qual forma usar em cada situação distinta; não existe falante de estilo único, pois como justificado acima, se o falante sabe adaptar as formas de uso a situações diferentes, certamente ele tem mais de uma forma, sendo todos os falantes bidialetais ou multidialetais; as formas da língua veiculam, além de significados representacionais/gramaticais, significados sociais e ou estilísticos, ou seja, o falante, dependendo da situação, mostra mais ou menos formalidade, por exemplo; e fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações apenas de um ou outro aspecto

falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

6 Considerações finais

Ao longo do artigo foram levados em consideração estudos importantíssimos para o que se chama hoje *sociolinguística*. A noção de que as línguas mudam através do tempo e de forma sistemática já está presente no século XIX, antes do estruturalismo e do gerativismo, com a linguística histórico-comparativa; ali, como dito anteriormente, provavelmente está presente o primeiro indício da sociolinguística. Sem contar que, antes disso, com os filósofos e gramáticos alexandrinos, começou-se a ter uma concepção de correto e incorreto com a perspectiva normativa/prescritiva da opção filológica. Essa concepção, apesar de passados muitos anos, ainda é muito forte, tanto que um dos papéis do sociolinguista é tentar desconstruí-la através dos princípios da teoria sócio-variacionista apontados acima.

Os recortes elaborados nas teorias estruturalista, a partir de Saussure, e gerativista, a partir de Chomsky, são também de extrema importância, pois só através do estudo minucioso dessas teorias é que se chegou à sociolinguística e a seus princípios. Por exemplo, foi necessário estudar a metáfora do jogo de xadrez para perceber que algo ali ficava de fora (e essa foi a escolha de Saussure, não falar sobre o que ficou de fora, mas reconhecer que existe). Coube à sociolinguística ocupar-se em estudar, também, o que estava para além da imagem congelada, ou seja, a diacronia da fala.

A consciência de que estudos anteriores são importantes para o desenvolvimento da área deve sempre estar presente nos pesquisadores, não com o intuito de se abarcar tudo, pois, como elaborado acima, isso torna-se impossível na linguística, mas, com a ideia de trazer para a sua teoria um complemento de teorias anteriores. Começar do zero, ignorando ou apenas criticando estudos preexistentes não é a forma mais indicada para elaborar-se uma nova teoria, pois princípios importantes acabam por perder-se. O importante é revisar esses estudos anteriores de forma a colaborar para uma possível nova teoria. De certa forma, foi isso que a sociolinguística fez, estudando todos os períodos da linguística e embasando-se em alguns deles para formular seus princípios.

Referências

- BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-51
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística Histórica. In: NUNES, José Horta; PFEIFFER, Claudia. (Orgs.): **Introdução às Ciências das Linguagens: Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006. p.11-48.
- WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].